

AVIFAUNA SILVESTRE EM "SOMBRAS DO TEMPO" (2015), DE BRAZ JOSÉ COELHO: UMA ANÁLISE PELO PRISMA DA ESTILÍSTICA LEXICAL

WILD AVIFAUNA IN "SOMBRAS DO TEMPO" (2015), BY BRAZ JOSÉ COELHO: AN ANALYSIS THROUGH THE PRISM OF LEXICAL STYLISTICS

Ana Vitória Gomes Moreira (UFCAT) 
0000-0002-3117-7576

Vanessa Regina Duarte Xavier (UFCAT) 
0000-0001-6718-2361

Como citar: MOREIRA, A. V. G.; XAVIER, V. R. D. Avifauna silvestre em "Sombras do tempo" (2015), de Braz José Coelho: uma análise pelo prisma da estilística lexical. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli | v. 14, n. 1, p. 45-72, jan.-abr. 2025.

doi: 10.47295/mren.v14i1.1699
recebido em 01/05/2024 – aprovado em 25/11/2024



Resumo

A literatura, por meio de uma linguagem estético-estilística, manifestada especialmente no léxico de uma língua, pode representar simbolicamente distintos temas, como o da avifauna silvestre, sobre o qual poucas investigações se desdobraram (Dolberth; Eggensperger, 2020), tanto nos estudos literários quanto nos linguísticos e lexicais. Nosso objetivo, nesse trabalho, foi analisar unidades lexicais da avifauna silvestre em duas crônicas da obra “Sombras do Tempo” (2015), de Braz José Coelho, tendo em vista que ainda são escassas as pesquisas que se propõem a analisar o léxico a partir de obras literárias, assim como as que possuem como temática a avifauna na literatura. Em relação à metodologia, esse estudo pode ser classificado como qualitativo-descritivo, dado que inventariamos as unidades lexicais da avifauna silvestre das crônicas de número cinco e sete e as analisamos à luz das obras lexicográficas de Houaiss e Villar (2009) e de Ferreira (2010). No que se refere ao referencial teórico, empregamos obras que discutem sobre léxico, estilística lexical, discurso literário, Braz José Coelho e avifauna na literatura, como Biderman (2001), Oliveira e Isquardo (2001), Cardoso (2018), Martins (2011), Dolberth e Eggensperger (2020), entre outros. Ao analisar as unidades lexicais inventariadas, pudemos observar que as aves e pássaros são marcantes na vida do narrador-personagem das duas crônicas, sendo que os cantos desses animais desencadeiam sentimentos afetivos de felicidade relacionados ao seu passado.

Palavras-chave: Estilística lexical. Literatura. Sombras do Tempo. Avifauna silvestre.

Abstract

Literature, through an aesthetic-stylistic language, manifested especially in the lexicon of a language, can symbolically represent different themes, such as that of wild avifauna, on which little research has been carried out (Dolberth; Eggensperger, 2020), both in literary studies and in linguistic and lexical studies. Our objective, in this paper, was to analyze lexical units of wild avifauna in two chronicles of the book “Sombras do Tempo” (2015), by Braz José Coelho, considering that there are few studies that propose to analyze the lexicon based on literary works, as well as those whose thematic is avifauna in literature. Regarding the methodology, this study can be classified as qualitative-descriptive, since we inventoried the lexical units of wild avifauna from chronicles number five and seven and analyzed them following the lexicographic works of Houaiss and Villar (2009) and Ferreira (2010). About the theoretical framework, it was used works that discuss lexicon, lexical stylistics, literary discourse, Braz José Coelho, and avifauna in literature, such as Biderman (2001), Oliveira and Isquardo (2001), Cardoso (2018), Martins (2011), Dolberth and Eggensperger (2020), among others. When analyzing the lexical units inventoried, it was observed that birds are remarkable in the lives of the narrator-character in both chronicles, and the songs of these animals trigger affective feelings of happiness related to their past.

Keywords Lexical stylistics. Literature. Sombras do Tempo. Wild Avifauna.

INTRODUÇÃO

Os estudos lexicais engendram uma profusão de perspectivas teórico-epistemológicas e uma delas é a possibilidade de empreender pesquisas a partir de *corpus* literário. No caso desta investigação, partimos da estilística lexical para analisar duas crônicas¹ presentes na obra “Sombras do Tempo”, de Braz José Coelho (2015). De modo mais detalhado: inventariamos e analisamos, à luz da estilística lexical e da lexicologia, as unidades lexicais referentes à avifauna silvestre presentes nas crônicas selecionadas. Embora muitos outros aspectos sejam propícios à análise sob essa perspectiva e nessa obra literária, assim como em outras obras do autor, selecionamos a parcela lexical das aves silvestres para este estudo.

Salientamos que a escolha das crônicas deu-se pelo fato de elas apresentarem unidades lexicais que remetem à avifauna silvestre que, por sua vez, é “representativa da riqueza ecológica” (Dolberth, Eggensperger, 2020, p. 55) presente nas crônicas. As duas crônicas selecionadas possuem recorrência desses signos, sendo que as aves figuram como ponto central para o desenvolvimento das narrativas que nos são apresentadas pelo narrador-personagem. Embora nosso recorte analítico restrinja-se à avifauna silvestre presente nas crônicas, outras temáticas podem ser exploradas a partir da obra, como é o caso da *religiosidade* e das *brincadeiras*.

Podemos analisar obras literárias em distintos vieses e perspectivas analíticas, no âmbito das Ciências do Léxico, como a referente à neologia, fraseologia, onomástica, entre outras. Diante do exposto, salientamos que o estudo lexical em *corpus* literário é uma vertente de pesquisa que busca investigar, a partir dos itens lexicais manejados por um autor, várias óticas da linguagem, podendo contribuir com a apresentação de possibilidades interpretativas de uma obra. No âmbito de nossa pesquisa, assentamo-nos em uma das Ciências do Léxico, a lexicologia e não resvalamos, de modo algum, no campo terminológico.

Por muito tempo, acreditou-se que estudar o texto literário a partir de outras lentes que não a literária era desviá-lo do seu propósito, reduzindo-o, por exemplo, ao estudo de aspectos gramaticais. Essa crença foi amparada, em grande medida, por um texto publicado por Marisa Lajolo, em 1982, intitulado “O texto não é pretexto”², no qual Lajolo expunha que “o texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser” (Lajolo, 1982, p. 52). Nesse contexto, o texto literário, sobretudo no âmbito escolar, nas palavras da autora, “[...] costuma virar pretexto, ser

¹ Na obra em análise, as duas crônicas não possuem títulos para nomeá-las, mas possuem numerações durante todo o livro, sendo que, para nossa investigação, selecionamos a *quinta* e a *sétima*.

² Não é nosso intuito construir uma crítica sobre o texto, mas expor algumas ideias que ele veiculava e como elas foram revistas, anos depois, pela própria autora.

intermediário de aprendizagens outras que não ele mesmo" (Lajolo, 1982, p. 52). E, para ela, a utilização do texto literário com a finalidade de realizar exercícios de interpretação, de ampliação de vocabulário, de fixação da norma culta e como motivador de produções de texto poderia configurar uma leitura redutora do texto literário (Lajolo, 1982), por isso a sua afirmação de que o texto não é pretexto para atividades outras. Suas ideias foram, com o tempo, sendo ampliadas pelos leitores desse texto a qualquer uso do texto literário que não pretendesse analisá-lo por "uma perspectiva que respeit[ass]e a sua natureza específica de texto, qual seja, o construir ponto de encontro entre autor e leitor" (Lajolo, 1982, p. 53).

Após mais de duas décadas, Marisa Lajolo revisita seu texto de 1982, com um novo olhar e tecendo reflexões a partir das afirmações feitas naquela ocasião. No artigo intitulado "O texto não é pretexto. Será que não é mesmo?", Lajolo (2009) atualiza seu posicionamento sobre o texto não ser pretexto. Para ela, sob essa nova perspectiva, podemos e devemos pensar os contextos de produção dos textos, pois cada produção literária possui uma infinidade de relações: do texto com a história do autor que o produziu, com o momento de sua produção, com o gênero, com a forma com que a língua foi utilizada na obra, com o seu público-alvo, entre outras especificidades (Lajolo, 2009). Em síntese, a autora afirma que "o contexto de um texto é, pois, um emaranhado de fios que se tecem e se soltam, amarrando-se e desamarrando-se uns nos outros" (Lajolo, 2009, p. 108).

Levando em consideração o que foi mencionado, entendemos que os estudos linguísticos, mormente os lexicais, que visam a analisar *corpora* literários, podem contribuir também com a interpretação dos textos literários em foco. Sendo assim, é possível empreender investigações frutíferas que objetivem estabelecer confluências entre linguagem e literatura, pois, de acordo com Cardoso (2018, p. 17), "o discurso literário não deve, pois, ser tratado como algo à parte, estudado apenas pela tradição e pela crítica literária. Tem de ser compreendido linguisticamente em função de seu contexto e de seu cotexto".

Nesse sentido, observamos que a análise do léxico em *corpus* literário ainda é pouco explorada, uma vez que, ao realizar buscas em *sites* de repositórios e de ferramentas de pesquisa de produção acadêmica³, deparamo-nos com uma produção rarefeita no assunto, pois textos que visam a estudar o léxico da avifauna na literatura ainda são pouco desenvolvidos. Diante disso, a relevância deste estudo concentra-se na necessidade de empreender mais pesquisas que envolvam a interface léxico e literatura.

³ Dizemos isso após realizar pesquisas a partir das palavras-chave: "léxico", "avifauna", "léxico e literatura", "léxico da avifauna", "léxico da avifauna na literatura", "aves na literatura", "léxico das aves silvestres", "léxico das aves silvestres na literatura", "léxico, literatura e aves" na *Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações*, *Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES*, no *Google Acadêmico*, na *Plataforma Lattes* (por meio do campo de buscas por assunto).

Almejamos, com esse texto, inventariar e analisar as unidades lexicais relativas à avifauna silvestre⁴ presentes nas crônicas supra-referidas, do escritor catalano Braz José Coelho, na perspectiva da Estilística Lexical. Tivemos como objetivos específicos: i) identificar e compilar as unidades lexicais relativas à avifauna presentes nas crônicas; ii) cotejar as unidades lexicais inventariadas nas obras lexicográficas de Ferreira (2010) e Houaiss e Villar (2009) e iii) discutir sobre a inter-relação destas com a cultura que as perpassam e que se matiza nos textos sob análise. Assim, voltamos o nosso olhar para o contexto de produção da obra em estudo, para o gênero crônica e para as referências socioculturais à cidade de Catalão-GO que afloram nos textos analisados.

Em relação à metodologia empregada, caracteriza-se como qualitativo-descritiva, a partir da qual fizemos o inventário das unidades lexicais e a sua análise à luz da estilística lexical e da Lexicologia. Nesse sentido, apresentamos os dados, descrevendo-os conforme ocorreram nas obras e os analisamos em seus efeitos léxico-estilísticos considerando os seus aspectos semânticos-discursivos. As obras lexicográficas selecionadas para o cotejo foram o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, de Houaiss e Villar (2009) e o *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, de Ferreira (2010), por serem obras amplamente utilizadas nos estudos lexicais. Além disso, fizemos consultas ao site *WikiAves - A Enciclopédia das Aves do Brasil*⁵, para corroborar nossas análises acerca das aves, considerando-se que as informações nele dispostas geralmente são oriundas de observadores de aves. A partir da seleção das unidades lexicais, partimos ao cotejo nas obras mencionadas e no site supramencionado e à discussão dos dados.

Para cumprir a contento os objetivos da pesquisa, buscamos o diálogo com teorias a respeito de léxico, estilística lexical e discurso literário, tais como as de Biderman (2001), Oliveira e Isquerdo (2001), Cardoso (2018), Martins (2011), entre outros. Discursamos também acerca de Braz José Coelho e sua obra “Sombras do Tempo” e sobre a avifauna silvestre, tema de nossa exploração. Com esse propósito, congregamos especialmente os teóricos Dolberth e Eggensperger (2020).

O presente artigo divide-se em duas seções essenciais: na primeira, intitulada “Léxico, estilística lexical e discurso literário: confluências analíticas”, discutimos as relações entre o léxico, estilística lexical e discurso literário em suas possibilidades exploratórias e na segunda seção, denominada “O léxico da avifauna silvestre em Coelho (2015)”, discutimos sobre Braz José Coelho e sua obra “Sombras do Tempo”, bem como sobre as unidades lexicais da avifauna presentes nas crônicas selecionadas para a composição de nosso *corpus*, à luz das obras lexicográficas anteriormente mencionadas e de autores que discutem o tema.

⁴ Compreendemos a avifauna silvestre como o conjunto de espécies de aves silvestres (Houaiss; Villar, 2009).

⁵ Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/>. Acesso em: 28 fev. 2024.

2 LÉXICO, ESTILÍSTICA LEXICAL E DISCURSO LITERÁRIO: CONFLUÊNCIAS ANALÍTICAS

O léxico é o domínio linguístico que reúne os conhecimentos linguísticos expressos nas unidades lexicais de uma língua. Ele é o repositório linguístico de uma comunidade acumulado historicamente e constitui-se de um sistema aberto, ou seja, a todo tempo novas unidades podem ser adicionadas a ele ou, contrariamente, caírem em desuso (Biderman, 2001).

Segundo apontam Oliveira e Isquardo (2001, p. 9), “o léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-lingüístico-cultural”, quer dizer: ele é a reunião do conhecimento linguístico de uma comunidade, funcionando como acervo linguístico de um povo. Ele também pode ser visto como a lente pela qual uma comunidade sociolinguística pode enxergar a sua realidade, visto que ele transparece os valores, costumes, crenças e características de uma sociedade.

Diante disso, compreendemos que o léxico é o nível da língua que tem por característica abarcar o extralinguístico, representando valores, costumes, características e hábitos de uma comunidade. Além disso, ele representa as mudanças que ocorrem socialmente, visto que está diretamente ligado à realidade social e histórica de um povo. De igual maneira, possui relação direta com a cultura, pois resulta da visão dos indivíduos acerca da realidade sócio-histórica-cultural que os circunda. Por essa razão, “[...] estudar o léxico de uma língua é estudar também a história do povo que a fala” (Orsi, 2012, p. 164), isso porque nele estão refletidas as percepções e visões de mundo dos seus usuários.

Os estudos lexicais brasileiros ocorrem no âmbito das Ciências do Léxico (lexicologia, lexicografia e terminologia) e uma das possibilidades de investigação léxica diz respeito à estilística lexical (ou das palavras), que nesse estudo está amparada pela lexicologia. A estilística lexical refere-se à disciplina que “[...] estuda os aspectos expressivos das palavras ligados aos seus componentes semânticos e morfológicos, os quais, entretanto, não podem ser completamente separados dos aspectos sintáticos e contextuais” (Martins, 2011, p. 97). Isso quer dizer que ela investiga a expressão linguística, vale dizer, o estilo, a forma com que um discurso foi enunciado, entre outras questões. No caso do discurso literário, é possível analisar as escolhas lexicais feitas por um autor e como elas contribuem para criar efeitos de sentido em uma narrativa, visto que as unidades lexicais não são escolhidas aleatoriamente, mas atendem às necessidades de expressão e aos sentidos que se deseja construir no texto.

Na concepção de Cardoso (2018, p. 31),

O objeto de estudo da estilística da palavra, ou estilística léxica, é justamente analisar a expressividade das palavras, seja por sua flexão, seja por sua formação, seja por sua classificação, seja por seu significado no contexto. Essa parte da estilística preocupa-se, então, com os aspectos expressivos ligados aos

componentes semânticos e gramaticais das palavras. Como já se afirmou, não se podem isolar as palavras; logo, devem ser estudadas e analisadas no enunciado.

Em outras palavras, cabe à estilística lexical estudar a expressividade das unidades lexicais em uso em um dado discurso, não as desvinculando do contexto situacional e linguístico em que elas ocorrem. Quando falamos no discurso literário, é imprescindível ter em mente que essa é uma manifestação discursiva que preza pela criatividade, inventividade e plurissignificação. Sendo assim, é necessário observar como o sentido das unidades lexicais é moldado pelo contexto em que elas estão inseridas, podendo extrapolar os seus sentidos literais, mormente aqueles registrados pelos dicionários. A respeito disso, a autora assevera que “em se tratando do uso criativo do léxico, cujos grandes responsáveis são escritores e poetas, a exploração dos significados de forma original faz com que uma palavra possa ter seu campo semântico ampliado, ou ainda, modificado” (Cardoso, 2018, p. 30). Isso indica que o contexto linguístico e situacional tem influência direta sobre os efeitos de sentido e estilísticos que se estabelecem no discurso literário. Para Cardoso (2018, p. 15), é importante ter em mente que

Quando se tem por objeto de estudo o discurso literário, é preciso entender que a linguagem artística se sobrepõe à linguagem cotidiana e, por mais coloquial que sejam as escolhas de um autor, seu objetivo é mais do que simplesmente transmitir uma informação.

Nesse estudo, compreendemos que “o discurso é um ato de linguagem, é um tipo de sentido. Sua materialidade é a língua e a sua finalidade - exceto em situações muito especiais - é constituir-se como um produto passível de estabelecer comunicação entre os indivíduos” (Henriques, 2018, p. 4). Em específico, o discurso literário pode ser visto como uma manifestação enunciativa que possui fins estéticos e plurissignificativos. Nos dizeres de Cardoso (2018, p. 15), trata-se de

[...] uma forma de expressão artística [qu]e apresenta, em relação a outras esferas discursivas, traços singulares que precisam ser levados em consideração quando se toma esse discurso como objeto de análise linguística. Tal discurso visa à estética, ultrapassa a simples informação referencial, afasta-se dos discursos cotidianos, busca a atemporalidade e a universalidade, valoriza o ficcional sobre o real.

Em outras palavras, o discurso literário é uma manifestação artística, com importante expressividade estilística, à medida em que destoa da referencialidade presente em outros tipos de discurso, tendo por característica predominante o caráter ficcional, ou seja, não

necessariamente estabelece vínculos com o real (Cardoso, 2018), embora alguns discursos literários possam recuperar fatos da realidade, ficcionalizando-os de modo a assegurar a sua universalidade.

Pelo exposto até o momento, percebe-se que o discurso literário constitui um material linguístico propício a investigações lexicais, pela sua inventividade característica, podendo-se empreender investigações de distintos vieses, tal como pontua Oranges (2017, p. 224):

[...] o trabalho com o léxico, tendo como corpus o texto literário, pode ser extremamente produtivo, tanto por meio da lexicologia, trabalhando questões como a formação de palavras, os neologismos e o significado das unidades lexicais, quanto através da lexicografia, produzindo dicionários e vocabulários específicos de autores, obras ou escolas literárias.

Como podemos observar, esse é um campo investigativo amplo e frutífero, que necessita da contribuição de pesquisadores interessados em investigar as suas diversas potencialidades. Em nosso estudo, visamos a analisar unidades lexicais de um campo lexical⁶, qual seja, o das aves silvestres, inventariadas em duas crônicas, mas salientamos que, dentro dos limites da lexicologia, podem ser seguidas outras abordagens que não se restringem à estilística léxica. Estudar o campo lexical das aves silvestres é, também, uma forma de acessar valores culturais da comunidade retratada na obra, dado que o léxico tem essa capacidade de representar valores extralinguísticos.

Além do exposto, consideramos que, ao analisar unidades lexicais presentes no discurso literário, é necessário observar o contexto em que elas estão inseridas na obra, dado que é ele quem determinará os sentidos por elas assumidos. Ademais, as escolhas vocabulares conferem ao texto expressividade e efeitos de sentidos. Segundo Teles (1976, p. 91),

No momento em que o escritor opta por uma palavra ou frase, está praticando, ainda que inconscientemente, uma operação estilística, pois está se desviando da linguagem comum e, ao mesmo tempo, procurando imprimir nela a sua marca, a sua particular maneira de exprimi-la. E quando esta escolha é intencional e justificada não só pela obtenção do maior efeito como também por uma imposição do ato criador, o seu uso como traço caracterizador do estilo assume por certo um valor que ultrapassa a simples função comunicativa, para transformar-se num agente ampliador do conteúdo poético. A função linguística se transforma em função retórica, vale dizer, em função poética.

⁶ Compreendemos campo lexical a partir de Coseriu (1977) para quem essa é uma estrutura do léxico que reúne unidades lexicais que compartilham uma zona de significação comum, embora, dentro dos campos léxicos também seja possível observarmos que as unidades possuem traços distintivos entre si, o que pode colocá-las em oposição umas com as outras.

Diante disso, compreendemos que as seleções lexicais de um autor culminam em efeitos de sentido nos seus textos, razão pela qual escolher uma unidade lexical é, também, um processo estilístico. Com efeito, é necessário observar a plurissignificação que as unidades lexicais expressam no discurso literário pelos contornos poéticos, estéticos e criativos que recebem, ultrapassando a referencialidade.

3 O LÉXICO DA AVIFAUNA SILVESTRE EM COELHO (2015)

Neste momento, faz-se oportuno discorrer sobre o autor dos textos literários assumidos como *corpus* desta pesquisa. Braz José Coelho é um escritor, professor aposentado (UFG - Regional Catalão, atualmente Universidade Federal de Catalão - UFCAT) e linguista goiano. Chaveiro (2021, p. 19) aponta que Coelho se vê como um “[...] professor situado: catalano, goiano e brasileiro”. A sua produção é expressiva, perpassando por distintos gêneros acadêmicos e literários. Ele “[...] ministrou aulas para os diversos níveis de ensino, é linguista, escreveu romances, contos, poemas, assim como artigos, ensaios e crônicas de memórias com feições filosóficas” (Chaveiro, 2021, p. 19).

O escritor-professor-linguista Braz José Coelho nasceu na cidade de Bonfim, atualmente chamada de Silvânia, em Goiás, em 30 de julho de 1938 e, embora tenha vivido grande parte da infância em Ipameri-GO, na fazenda Duas Pontes, posteriormente mudou-se para a cidade de Catalão-GO para desenvolver seus primeiros estudos (Jeronimo; Gementi, 2015). Em momento posterior, Braz foi para Agudos, também em virtude de seus estudos, retornando depois para Catalão-GO e formando-se em contabilidade. Os estudos também o levaram a residir em Uberlândia-MG, na oportunidade para cursar Direito (Jeronimo; Gementi, 2015). Subsequentemente a isso, transferiu-se para Goiânia-GO, onde graduou-se em Letras Vernáculas, pela Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). Progredindo nos estudos, Coelho defendeu a sua dissertação de mestrado em 1974, na Universidade Federal de Goiás (UFG) (Jeronimo; Gementi, 2015). Conforme De Paula (2021, p. 11), “trinta anos após concluir o mestrado sobre processos de estruturação da língua portuguesa, em 2005 ele defendeu sua tese de doutorado - *Procedimentos de lexicalização: formação de palavras e expressões lexicalizadas na obra de Carmo Bernardes*”, tornando-se doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista (Unesp).

Em relação à sua produção literária, Jeronimo e Gementi (2015) apontam que ele encetou sua carreira em 1971, com a obra *Peonagem e Cabroeira*, livro de contos, mas também publicou

poesias, nas quais aborda temáticas rurais e urbanas. Além da escrita literária, Coelho coleciona produções teóricas nos campos da linguística e educação.

Seus escritos literários versam sobretudo sobre a vida no campo e na cidade, abordando distintas questões que certamente perpassaram a sua vivência e seu âmbito sociocultural, constituindo suas memórias, a exemplo da religiosidade, das brincadeiras dos tempos de criança, entre outros temas. A esse respeito, Jeronimo e Gementi (2015, p. 122), dizem que “[...] além de saber como era a vida na roça, em seus tempos de menino, no interior do estado de Goiás, vivenciou boa parte do que lhe serviu de inspiração”. É por esse motivo que, em seus textos literários, nos deparamos com referências à realidade do interior goiano. Nesse sentido, concordamos com Bernardo (2021, p. 42), pois, segundo ele, “[...] mesmo elaborada artisticamente, a produção literária revela muito do universo no qual o autor se inscreve, permitindo um diálogo com a cultura e com o imaginário que o cercam e integram a sua vida”.

Em nossa pesquisa, analisamos duas crônicas presentes na obra de Coelho (2015), “Sombras do Tempo”, publicada em 2015, pela editora Kaio G, em Catalão-GO. As crônicas presentes no livro não possuem títulos, mas são enumeradas sequencialmente, sendo que o estudo focalizou as de número *cinco* e *sete*, que foram escolhidas por serem marcadas por unidades léxicas da avifauna silvestre. A obra conta com trinta e três crônicas de temas diversos, mas que versam, em sua maioria, sobre vivências do autor, retratando memórias de diferentes épocas, como podemos depreender também pelo título.

Decidimos estudar a avifauna silvestre, pois observamos que os estudos envolvendo léxico e literatura e, de modo mais específico, aqueles que se referem ao estudo das aves ainda se encontram em fase embrionária. Apoiamos a nossa justificativa também nos dizeres de Dolberth e Eggensperger (2020), que inventariaram o vocabulário da avifauna no romance rosiano “Grande Sertão: veredas”. Para os autores, no que toca aos estudos do romance mencionado, mesmo existindo grande ocorrência de unidades lexicais de origem ecológica na obra, entre elas estão as da avifauna, essa parcela do léxico é tradicionalmente deixada de lado por pesquisadores desse romance. Segundo os teóricos, estudar a avifauna nesse romance, e aqui acrescentamos também as crônicas que temos como foco em nosso estudo, é dar um passo rumo ao conhecimento do sertão, e do cerrado, em nosso caso (Dolberth; Eggensperger, 2020). Investigar a avifauna em romances e outros gêneros como as crônicas, que são nosso foco, especialmente pela perspectiva do léxico, atende a uma lacuna dos estudos lexicais, pois escrutina uma parte do léxico que pouco é trabalhada e é representativa da riqueza ecológica de uma localidade representada no e pelo discurso literário (Dolberth; Eggensperger, 2020).

Antes de procedermos às análises, faz-se importante explicitar uma diferenciação entre *aves* e *pássaros*. Consoante o *Dicionário Wiki Aves*⁷, presente no site WikiAves, *aves* são

animais vertebrados que possuem quatro membros (tetrápodes), sendo as asas membros adaptados ao voo (apêndices locomotores anteriores); conseguem manter a temperatura corporal em um nível regular (endotérmico), põem ovos (ovíparos), e possuem ossos pneumáticos, ou seja, têm estruturas ocas que tornam o esqueleto bem leve, o que ajuda no voo. Têm como principal característica a presença de penas. (WikiAves, 2023, *online*).

Ou seja, a unidade lexical *ave* é uma designação comum e mais geral desses animais, funcionando como um hiperônimo, pois, as *aves* abarcam os *pássaros*, denominação mais específica, ou seja, é importante lembrar que nem todas as *aves* são *pássaros*, por isso, não devem ser utilizadas como unidades lexicais sinonímicas. Segundo o WikiAves (2023, *online*), a unidade lexical *pássaros* é uma “definição que se aplica a todas as *aves* da ordem Passeriformes. Termo comumente aplicado como sinônimo para *ave*, sendo essa a aplicação errônea. [...] Dentro desse contexto[,] todo *pássaro* é *ave*[,] mas nem toda *ave* é um *pássaro*”.

À luz disso, a primeira crônica selecionada para nosso estudo é a de número *cinco*, sendo que essa história é datada na obra, sendo referente ao dia 14/06/2013. A crônica nos é contada pelo narrador-personagem, ao recuperar suas memórias de infância. Em suas lembranças afetuosas, recorda-se dos momentos de criança, quando a sua avó, Lia, contava-lhe uma história antiga sobre a *perdiz* e o *jaó*, que formavam um “par muito apegado” (Coelho, 2015, p. 17) e que, em dado momento, se separam. Além de sua avó, essa história também era contada por outros familiares e, por ser um caso comumente lembrado naquele berço familiar, era sempre retomado em momentos de descontração.

A crônica começa com a lembrança do narrador-personagem, em seus tempos idos da infância. Assim diz o texto literário:

Pois assim era de uma vez que a *perdiz* e o *jaó* formavam um par muito apegado, andavam sempre juntos num maior chamego desse mundo. Não me lembro desse tempo, creio que ainda não tinha nascido. Quem me contava a história deles eram meus tios, minha mãe e principalmente minha avó Lia, já velhinha, amontoada e envolta em cobertores na cama de seu quatinho, histórias, as rezas que me ensinava e os cânticos religiosos de uma tristeza que me dava vontade de chorar (Coelho, 2015, p. 17, grifos nossos).

Nessa crônica, analisamos duas unidades lexicais, a saber: *perdiz* e *jaó*. A narrativa da crônica se dá em torno da história contada sobre um par de *aves* constituído pela *perdiz* e pelo

⁷ Disponível em: <https://abrir.link/CfZPZ>. Acesso em: 15 mar. 2024.

jaó. Segundo aponta o Dicionário Houaiss (2009, p. 1471), a *perdiz*, relacionando a unidade lexical à rubrica da ornitologia⁸, é uma

ave tinamiforme da família dos tinamídeos (*Rhynchotus rufescens*), que ocorre na Argentina, Bolívia e grande parte do Brasil, em áreas campestres, cerrados e buritizais; com cerca de 37,5 cm de comprimento, possui bico forte, plumagem parda com manchas escuras e asas ferrugíneas [...] [Espécie que sofre muita pressão de caça; o macho é responsável pela incubação dos ovos e pelo cuidado com os filhotes.] [...].

O dicionário de Ferreira (2010, p. 1609) compartilha quase da mesma definição, entretanto, vincula a unidade à rubrica da zoologia⁹, vejamos:

Ave tinamiforme, tinamídea (*Rhynchotus rufescens*), distribuída pelos cerrados e caatingas de todo o Brasil ao Sul do rio Amazonas. Tem coloração avermelhada, com matizes amarelos e ferrugíneos, penas dorsais listradas de preto, e garganta esbranquiçada. Alimenta-se de toda a sorte de grãos e artrópodes de modo geral, ingerindo também folhas tenras.

Como podemos observar, essa ave é descrita pelas obras de Houaiss e Villar (2009) e Ferreira (2010) de forma bastante técnica, levando em conta a ciência e ramo da ciência que estudam essas aves. A primeira definição enquadra o verbete *perdiz* na rubrica *ornitologia* e a segunda em *zoologia*. Notamos que a ave habita regiões de cerrado, como é o caso do cenário descrito nas crônicas, uma vez que Coelho (2015) explora os locais que perpassaram a sua vivência no interior goiano, especialmente na cidade de Catalão-GO.

O site WikiAves¹⁰ aponta que a *perdiz* é uma ave normalmente solitária e que voa muito pouco, possuindo um voo curto, pesado e barulhento, realizado com maior frequência quando está em perigo (WikiAves, 2023, *online*).

Na história contada ao narrador-personagem, baseado nas narrativas que ouvia na infância, a *perdiz* se desentende com o seu par, o *jaó*, e passam a viver sozinhos, um chamando o outro por meio do canto e o outro respondendo, como podemos observar no trecho abaixo:

E contavam que um dia houve lá uma desavença entre eles, coisa assim que costuma acontecer com casais - e no calor da discussão muita coisa ofensiva foi dita sem que, na verdade, quisessem dizê-las. Se apartaram. O *jaó* seguiu caminho e embrenhou-se nos matos e por lá ficou, a *perdiz* continuou nas

⁸ “ramo da zoologia que estuda as aves” (Houaiss; Villar, 2009, p. 1399), a ornitologia pode ser considerada uma área da zoologia.

⁹ “ciência que trata dos animais” (Ferreira, 2010, p. 2194).

¹⁰ Disponível em: <https://abrir.link/VEoEx>. Acesso em: 28 fev. 2024.

campinas, cada vez mais solitária. Passado um tempo, a raiva também passou, a *perdiz*, triste e arrependida, começou a chamar.
 - João, vem cá rapaz.
 E o *jaó*, desiludido de tudo respondeu:
 - Eu, para nunca mais (Coelho, 2015, p. 17, grifos nossos).

Notamos que a relação estabelecida entre a *perdiz* e o *jaó* pode remeter simbólica e metaforicamente às relações que se findam após inflamada discussão e que não são reestabelecidas, embora haja intuito de alguma parte para a retomada dos laços. Além disso, vimos anteriormente que a *perdiz* é uma ave solitária e, a partir dessa crônica, podemos ter a dimensão de que essa ave ficou restrita às campinas e “cada vez mais solitária” (Coelho, 2015, p. 17), reforçando a forma solitária de viver característica desse animal.

A denominação *jaó* é marcada pelo *Dicionário Houaiss* sob a rubrica da ornitologia e Houaiss e Villar (2009) apontam que essa unidade lexical refere-se a uma

designação comum a algumas aves tinamiformes, do gênero *Crypturellus*, da família dos tinamídeos; juó **1.1** ave da família dos tinamídeos (*Crypturellus undulatus*), que ocorre da Venezuela ao Paraguai e Argentina, comum na Amazônia e no Brasil central; de até 31 cm de comprimento, plumagem estriada, garganta branca e pernas esverdeadas [...] (Houaiss; Villar, 2009, p. 1126).

Em relação à definição¹¹ de *jaó* apresentada no Dicionário Aurélio, ligada à rubrica da zoologia, temos definição semelhante, acrescida pelo fato de Aurélio apontar que essa ave possui um: “[...] piado nostálgico [que] é emitido geralmente ao escurecer, sob a forma de quatro notas características” (Ferreira, 2010, p. 1203).

Como podemos notar, as definições dadas pelas obras lexicográficas possuem uma linguagem técnica, podendo ser de difícil entendimento ao consulente que não esteja acostumado à terminologia. Ao visitar o site WikiAves, temos algumas informações acerca do *Jaó* que nos são caras.

No site¹², vemos uma concordância com as características expostas pelas definições lexicográficas compiladas neste texto. Além disso, explicita que o *Jaó* “desloca-se pelo chão da floresta quase sem fazer ruído, apesar de ser relativamente corpulento” (WikiAves, 2024, online) e o seu canto constitui-se de um pio longo, assobiado e melancólico¹³. No caso da crônica em

¹¹ Para evitar a repetição, empregamos somente parte da definição, visto que, na definição anterior, apresentada por Houaiss e Villar (2009), temos as características da ave e que são reiteradas por Ferreira (2010). Adotamos essa postura em casos em que a definição apresentou-se de forma semelhante nas duas obras.

¹² Disponível em: <https://abrir.link/vEXsJ>. Acesso em: 28 fev. 2024.

¹³ Sugerimos fortemente aos leitores desse texto que acessem os links disponibilizados do site WikiAves para ouvir o canto das aves que mencionamos, no recurso “detalhar som”. Isso porque, ao abordar ou rememorar, por meio de onomatopeias ou outros recursos, o canto das aves nas crônicas aqui analisadas, trata-se de um recurso estilístico

estudo, consideramos que o canto das aves é marcante para a narrativa que é contada ao narrador-personagem, dado que é por meio do canto que as aves tentam fazer as pazes, além disso, o canto melancólico do *jaó* reforça o enredo da separação das aves.

Fato que vale ser considerado é que, na crônica, Coelho (2015) reproduz uma “fala” das aves *perdiz* e *jaó*, imitando os sons que elas reproduzem, por meio de um processo de construção onomatopaica¹⁴, como podemos ver: “Passado um tempo, a raiva também passou, a *perdiz*, triste e arrependida, começou a chamar./ - João, vem cá rapaz./ E o *jaó*, desiludido de tudo respondeu:/ - Eu, para nunca mais” (Coelho, 2015, p. 17, grifos nossos). A onomatopeia se dá a partir das falas “- João, vem cá rapaz”, referindo-se ao chamado da *perdiz*, tal construção visa a imitar o som emitido pela ave, seguida da expressão que constitui a resposta do *jaó* “- Eu, para nunca mais”, também objetivando recuperar o canto da ave *jaó*. Como vemos, as personagens do caso familiar do narrador-personagem, a *perdiz* e o *jaó*, assumem características humanas por meio do recurso estilístico da personificação¹⁵, pois são capazes de falar, entretanto, tal fala torna-se uma onomatopeia no discurso literário, pois se assemelha aos cantos reproduzidos por essas aves. Os recursos literários empregados por Coelho (2015), a saber, a onomatopeia e a personificação, são capazes de, por meio da criatividade e da estilística, criar efeitos de sentido relacionados aos sons emitidos por essas aves¹⁶, sons esses que se equiparam à fala humana.

Além disso, na crônica, as aves *perdiz* e *jaó* são vistas como um par que se separa em dado momento. O site WikiAves¹⁷ apresenta-nos essa narrativa, dizendo tratar-se de uma lenda:

Diz a lenda que, noutros tempos, quando os bichos falavam, o *jaó* e a *perdiz* eram bons amigos e viviam juntos, percorrendo campos e matas como irmãos. Certo dia, por motivos desconhecidos, desentenderam-se e não mais se falaram e, para evitar encontros, um foi viver na mata e o outro ficou habitando os campos. Até hoje, vemos ao entardecer o *jaó* a andar pela orla da mata, em tom conciliador, interrogando: - *Vamos fazer as pazes?* Ao que responde a *perdiz*, caminhando pelos campos, inabalável: - *Eu, nunca mais!* (WikiAves, 2023, online).

Tal história é narrada na crônica de Braz, o que nos leva a crer que se tratava de uma narrativa de comum circulação à época, pois o narrador informa que quem contava a ele essa

manejado pelo autor que é relevante à interpretação da crônica e à sua literariedade. Assim, os *links* para acessar o canto da *perdiz* e do *jaó* respectivamente são: <https://abrir.link/VEoEx>. Acesso em: 28 fev. 2024 e <https://abrir.link/vEXsJ>. Acesso em: 28 fev. 2024.

¹⁴ A onomatopeia é o recurso estilístico que opera com “a atribuição de sons linguísticos, ou agrupamentos deles, de capacidade especial para *imitar*, ou, de certo modo, *sugerir* determinados ruídos naturais [...]” (Lima, 2011, p. 574, grifos no original).

¹⁵ A personificação, animismo ou prosopopeia, é o recurso que consiste na “[...] atribuição a seres inanimados de ações [ou animais], qualidades, ou sentimentos próprios do homem” (Lima, 2011, p. 600).

¹⁶ O som emitido pela ave pode ser ouvido a partir do site WikiAves. Disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/jao#>. Acesso em: 14 fev. 2024.

¹⁷ Disponível em: <https://abrir.link/VEoEx>. Acesso em: 28 fev. 2024

história era sua avó Lia, assim como sua mãe e seus tios, ou seja, era de conhecimento geral naquele círculo familiar e certamente na sua comunidade. Vale observar que, no caso da lenda apresentada pelo *site*, temos uma inversão da história de Coelho (2015), quer dizer, em Coelho (2015), a *perdiz* é quem faz o chamado e o *jaó* que, desiludido, responde negativamente.

Em relação à segunda crônica, de número sete, que possui a datação em 22/02/2013, temos um narrador-personagem que rememora os sentimentos bons que lhe causavam os cantos de algumas aves. Sendo assim, podemos depreender que ele traz à tona tais lembranças, em uma tentativa de revisitar tais sentimentos. É importante observar que o canto das aves é um fator preponderante ou o mote para o desenvolvimento das crônicas, pois, nesta crônica, o cantar dos pássaros que o narrador-personagem ouvia no passado é o fato que nos é narrado como a lembrança de um momento que não retornará.

Nesta narrativa, podemos acessar onze unidades lexicais relativas à avifauna silvestre, são elas: *siriemas*¹⁸, *saracuras*, *pombas do bando*, *rolinhas carijós*, *sabiás*, *mulatas*, *periquitos verdes/vermelhos/amarelos*, *canarinhos amarelos*, *curiós*, *pintassilgos* e *bicudos*. Unidades lexicais como *gansos* e *angolas* não foram analisadas neste estudo, dado que se referem a aves domésticas.

No primeiro parágrafo da crônica, deparamo-nos com as unidades lexicais *siriemas* e *saracuras*, como vemos na seguinte passagem:

os cantos dos pássaros, os que mais gostava de ouvir eram os tristes soluçados das *siriemas*, nas campinas, à tardinha, pouco antes do sol se esconder, e os estribilhos feitos responsos de ladainhas de *saracuras*, com suas pernas compridas e finas enfiadas nos banhados, anunciando qualquer coisa sobre *três potes*, *três potes*, *pote*, *pote* (Coelho, 2015, p. 21, grifos nossos).

Em relação à *seriema*, o Dicionário Houaiss (2009, p. 1734) a define a partir da rubrica da ornitologia como:

ave gruiforme da família dos cariamídeos (*Cariama cristata*), encontrada em campos e cerrados da Argentina, Uruguai, Paraguai e da Bolívia ao Brasil central e oriental; atinge 90 cm de comprimento e possui plumagem cinzenta com tons pardos ou amarelados e um feixe de penas eriçadas na base do bico vermelho [...] [Por alimentar-se, dentre vários pequenos animais, de gafanhotos, roedores e até de cobras, é considerada muito útil em fazendas] (Houaiss; Villar, 2009, p. 1734).

¹⁸ As grafias do autor foram preservadas em momentos em que fizemos menção direta às crônicas, quando consultadas nas obras lexicográficas e durante o nosso texto, optamos pela grafia registrada pelas obras lexicográficas.

Em relação à definição apresentada por Ferreira (2010, p. 1919) sob a rubrica da zoologia, temos uma definição muito parecida à de Houaiss, mas com o acréscimo de que essa ave possui um “canto [que] é muito característico, bem conhecido nos cerrados e caatingas”.

Disso compreendemos que essa ave é comum nos cerrados. O *site* WikiAves¹⁹ aponta que o seu canto é marcante e pode ser ouvido por uma distância de aproximadamente um quilômetro, além disso, “seus gritos, seja de uma ave solitária, seja de um casal em dueto, são altos e longos. Parecem longas risadas, as quais vão acelerando-se e aumentando de tom à medida que a ave repete o canto. Pode permanecer gritando por vários minutos a fio” (WikiAves, 2021, *online*).

A outra ave citada no trecho é a *saracura*, sob a rubrica da ornitologia, o Dicionário Houaiss a define como: “Designação comum às aves gruiformes da família dos ralídeos, cosmopolitas e geralmente de ambientes aquáticos, com 10 gêneros e 23 espécies representadas no Brasil, que possuem pernas e dedos longos sem membranas natatórias” (Houaiss; Villar, 2009, p. 1711). Em relação à obra lexicográfica de Ferreira (2010, p. 1894), *saracura*, unidade lexical ligada à rubrica da zoologia, tem o seguinte sentido: “Designação comum às aves gruiformes, ralídeos, representadas no Brasil por 13 gêneros e várias espécies. São aves desconfiadas, que passam o dia escondidas na vegetação, saindo, em geral, à tarde, para se alimentar de insetos, crustáceos e peixes de pequeno porte”. Notamos tratar-se de uma denominação geral para se referir às aves gruiformes²⁰, da família dos ralídeos²¹, que possuem diversas espécies e gêneros. Acreditamos que a *saracura* referida na crônica de Coelho (2015) é a *saracura-três-potes* (*Aramides cajanea*), uma vez que o narrador nos apresenta que a ave anunciava “[...] qualquer coisa sobre *três pots*, *três pots*, *pote*, *pote*” (Coelho, 2015, p. 21), o que também se constitui no recurso estilístico da onomatopeia, em uma tentativa de reproduzir o som emitido pela ave. A *saracura-três-potes*, segundo o WikiAves²², mede 39 centímetros e habita as matas, podendo camuflar-se pela cor de sua plumagem: “[...] possui o dorso castanho-esverdeado, pescoço e cabeça cinzentos, o peito é castanho-ferruginoso e o bico, amarelo-esverdeado. As pernas e pés são vermelhos com o tarso mais comprido do que o dedo médio” (WikiAves, 2022, *online*).

Ainda segundo o *site* WikiAves²³ (2022, *online*), a *saracura-três-potes*

[...] é mais escutada do que vista. Vive no chão de áreas alagadas com vegetação densa, **manguezais**, margens de rios e lagoas. Seu canto dá origem aos seus

¹⁹ Para acessar o canto da *seriema*, acessar *link* disponível em: <https://abrir.link/JaFCf>. Acesso em: 28 fev. 2024.

²⁰ “ordem de aves aquáticas ou terrestres, de bico alongado, asas curtas, pernas compridas e pés com dedos geralmente longos e delgados” (Houaiss; Villar, 2009, p. 992)

²¹ “família de aves gruiformes, cosmopolitas, representadas pelas *saracuras*, frangos-d’água e carquejas, encontradas em brejos, áreas alagadas e beira de rios” (Houaiss; Villar, 2009, p. 1608)

²² Para acessar o canto da *saracura-três-potes*, acessar o *link* disponível em: <https://abrir.link/OMMXI>. Acesso em: 28 fev. 2024.

²³ Disponível em: <https://abrir.link/OMMXI>. Acesso em: 23 mar. 2024.

três nomes comuns mais frequentes. Escutado no clarear do dia e no escurecer, pode, no entanto, ser ouvido no meio do dia ou à noite. O canto, muito grave e alto, é um dueto entre os membros de um par e, às vezes, em coro com vizinhos. Conforme a região do país, o sotaque local produz cada um dos nomes comuns.

Isso quer dizer que essa ave é mais percebida pelo seu canto que, para o narrador, era nostálgico e a forma com que é emitido pode inspirar o seu nome. A sua singularidade para o narrador-personagem é a capacidade de acessar memórias afetivas por meio do canto dessa e de outras aves.

No fragmento em análise, vemos que o narrador gostava de ouvir os cantos das *seriemas* e *saracuras*, mas a sua vivência também era perpassada pelos cantos das *pombas do bando*, *rolinhas carijós* e *sabiás*:

Do mato ralo, os arrulhos de *pombas do bando* assemelhavam aos rancos amorosos borbulhando dentro do peito; *rolinhas carijós*, em seus passinhos miúdos pelo chão do quintal, avisando que o fogo apagou; e dos galhos das laranjeiras, *sabiás* repicavam seus gorjeios variando notas como uma flauta que sabe poucas frases musicais (Coelho, 2015, p. 21, grifos nossos).

Ao consultar a unidade lexical *pombas do bando* no dicionário de Houaiss e Villar (2009), ele nos aponta ser o mesmo que *avoante*, definida sob a rubrica da ornitologia da seguinte forma:

pomba campestre (*Zenaida auriculata*), que ocorre das Antilhas à Terra do Fogo, com distribuição isolada por todo o Brasil, formando bandos compactos no Nordeste durante a migração; tem até 21 cm de comprimento, dorso pardo, cabeça com duas faixas laterais, e manchas negras nas asas [Em certos períodos representa uma importante fonte de alimentação para populações locais do Nordeste brasileiro.] (Houaiss; Villar, 2009, p. 231).

Em relação à definição desta unidade no dicionário de Ferreira (2010), temos o mesmo movimento: a entrada *pomba-de-bando* nos direciona para a entrada *avoante*. Para Ferreira (2010, p. 253), *avoante*, referindo-se à zoologia, é:

Ave columbiforme columbídea (*Zenaida auriculata virgata*) e outras subespécies, do Paraguai, e do C. e L. do Brasil. Coloração dorsal parda, lado ventral tirante a vinho-claro, alto da cabeça cinzento; duas manchas pretas junto aos olhos, outras pouco abaixo e sobre as asas.

Segundo informações disponíveis no site WikiAves²⁴, a *avoante* (*pomba-de-bando*) pode “[...] formar bandos de milhares de indivíduos durante migrações ou em pousos coletivos em locais onde dormem” (WikiAves, 2023, *online*). Acreditamos que esse pode ser um dos motivos para o seu nome receber a qualificação de “*do bando*”. Na crônica, é expresso pelo narrador que ela emite sons que se assemelham “[...] aos roncamentos amorosos borbulhando dentro do peito [...]” (Coelho, 2015, p. 21), o que nos faz pensar que, para o narrador, lembrar dos sons que emitiam as *pombas do bando*, faz com que ele possa acessar memórias afetivas dos tempos idos.

Outra ave citada no mesmo trecho refere-se às *rolinhas carijós*. No trecho, essas aves são assim citadas: “[as] *rolinhas carijós*, em seus passinhos miúdos pelo chão do quintal, avisando que o fogo apagou [...]”. Aqui, avisar que o “fogo apagou” não é em vão, essa passagem constitui-se de uma escolha estilística feita pelo autor para garantir expressividade ao texto. A partir da expressão *avisar que o fogo apagou*, podemos depreender duas questões: em primeiro lugar, *fogo apagou* pode ser considerada uma expressão onomatopaica, nesse caso, fazendo referência ao canto emitido por essa ave, pois ela, ao cantar, parece enunciar “fogo apagou”²⁵, em segundo lugar, quando o autor faz essa escolha lexical, ele nos descortina a qual tipo de *rolinha carijó* faz referência: é a *rolinha-fogo-apagou*.

Em Houaiss e Villar (2009), ao consultarmos a entrada *rolinha-carijó*, a obra nos aponta uma remissão à unidade *fogo-apagou*, sob a rubrica da ornitologia:

rolinha (*Scardafella squammata*) que ocorre da Venezuela ao Paraguai, Argentina e Brasil oriental e central, em áreas secas, campos, cerrados e jardins; de até 19,5 cm de comprimento, plumagem com aparência tipicamente escamosa, asas e dorso barrados de rufo e laterais da cauda brancas [Seu canto parece dizer “fogo-apagou”] (Houaiss; Villar, 2009, p. 910).

Como as obras de Houaiss e Villar (2009) e Ferreira (2010) possuem definições bastante similares, na entrada *rolinha-carijó* em Ferreira (2010), temos a mesma situação da obra lexicográfica anterior, qual seja, a remissão à unidade *fogo-apagou*. A entrada *fogo-apagou* em Ferreira (2010) redireciona para outra, *fogo-pagou*, definida como:

Ave columbiforme columbídea (*Scardafella squammata*), do Brasil central e oriental, sobretudo das regiões de cerrados e caatingas, sendo comum também nas estradas e fazendas do interior. Coloração pardo-cinza no dorso, branca na região inferior, penas orladas de preto, formando desenhos semilunares,

²⁴ O canto dessa ave e suas informações podem ser consultadas acessando o link disponível em: <https://abrir.link/uiUHM>. Acesso em: 16 mar. 2024.

²⁵ Para acessar o canto da *rolinha-fogo-apagou*, acessar o link disponível em: <https://abrir.link/zOTw0>. Acesso em: 16 mar. 2024.

como se fossem escamas. O seu nome popular é onomatopaico [...] (Ferreira, 2010, p. 962)

As definições demonstram a característica desta ave de possuir um nome onomatopaico devido ao seu canto, sendo conhecida por *carijó* por conta de suas penas pintalgadas de preto e branco. No site WikiAves²⁶, temos ainda a informação de que essa ave possui “[...] um dos sons mais típicos da ‘roça’” (WikiAves, 2021, *online*). Acreditamos que o autor remeta à sua vivência na zona rural ou mesmo na zona urbana da cidade de Catalão, no interior de Goiás, sendo esse o cenário comumente descrito, segundo Jeronimo e Gementi (2015), por Coelho, ou seja, a realidade da sua vivência, em grande parte na roça, serviu de inspiração para a escritura da produção literária de Braz José Coelho. Compreendemos então que as aves e pássaros, elencados nas crônicas analisadas fazem parte da avifauna deste local, especialmente quando o narrador rememora suas vivências no ambiente rural.

No trecho supracitado, ainda temos os *sabiás*, descritos pelo narrador como os pássaros²⁷ que acompanham o canto das *rolinhas* ao entardecer. Para o narrador-personagem, os *sabiás*²⁸ eram comparados à “flautas que sabe[m] poucas frases musicais” (Coelho, 2015, p. 21).

A definição de *sabiá*, consoante o Dicionário Houaiss, relacionada à ornitologia, é:

designação comum às aves passeriformes, da família dos muscicapídeos, subfamília dos turdídeos, cosmopolitas, que possuem plumagem de colorido simples, geralmente marrom, cinza ou preta, com as partes inferiores lisas ou manchadas [...] (Houaiss; Villar, 2009, p. 1689).

Em Ferreira (2010, p. 1868), sob a rubrica da zoologia, o *sabiá* é definido como: “Designação comum a várias espécies de aves passeriformes, turdídeas, gênero *Turdus*, de colorido simples, cinzento-oliváceo, às vezes avermelhado. São pássaros muito populares, bons cantores, e onívoros”. Como notamos, essa é uma definição comum aos tipos de aves passeriformes²⁹, turdídeas³⁰ e, como o contexto não nos fornece uma qualificação do *sabiá*, não podemos determinar a sua espécie. A crônica ressalta o canto dessa e de outras aves, pois para o narrador, os cantos são nostálgicos e eram algumas das coisas que mais tinha apreço de recordar.

²⁶ O canto dessa ave e suas informações podem ser consultadas acessando o *link* disponível em: <https://abrir.link/cVPNY>. Acesso em: 16 mar. 2024.

²⁷ Neste caso, utilizamos a unidade lexical *pássaros*, visto que os *sabiás* são aves passeriformes.

²⁸ No caso dessa unidade lexical, não traremos *link* para acessar o seu canto a partir do site WikiAves, dado que não foi possível estabelecer qual a espécie de ave, visto tratar-se de uma designação geral.

²⁹ “Ordem de aves, geralmente canoras, com milhares de espécies distribuídas por todo o mundo, que apresentam porte pequeno ou médio e são caracterizadas pelos pés anisodátilos” (Michaelis, 2024, *online*).

³⁰ “Família de aves passeriformes que, no Brasil, abrange as diversas espécies de *sabiá*” (Michaelis, 2024, *online*).

Em outra passagem da crônica, deparamo-nos com unidades lexicais como *mulatas*, *periquitos verdes*, *vermelhos* e *amarelos*, *canarinhos amarelos*, *curiós*, *pintassilgos* e *bicudos*, como podemos observar a partir do excerto abaixo:

A tagarelice das *mulatas* nas folhas das guarirobas, a algazarra dos *periquitos verdes*, *vermelhos* e *amarelos*, como um bando de crianças no primeiro dia de aula depois das férias; *canarinhos amarelos*, *curiós*, *pintassilgos* e *bicudos* em desafios musicais, repinicando cordas de suas gargantas sofridas; os grasnados dos gansos, o espevitamento das angolas correndo e abrindo asas – tudo isto é um encantamento de fantasia e emoção que abre tristuras fundas misturadas a suspiros magoados dentro de mim (Coelho, 2015, p. 21-22, grifos nossos).

A unidade lexical *mulatas* não foi definida pelas obras lexicográficas de Houaiss e Villar (2009) e Ferreira (2010) relacionada à avifauna ou às rubricas da ornitologia, entretanto, o foi pela rubrica da zoologia, contudo designando um peixe presente no Atlântico e que possui uma coloração vermelha viva, o *Rhomboplites aurirubens* (Ferreira, 2010). Essa unidade lexical pode ser considerada um *nome vernáculo*³¹ para designar as aves da família dos psitacídeos (Psittacidae), que se remete aos diversos tipos de papagaios, sendo assim, é uma unidade lexical de sentido geral para designar essas aves. Segundo Saiki (2008, p. 64, grifos no original),

Os psitacídeos são aves, cuja diagnose, é imediata quando comparados a outros grupos, devido a suas características marcantes, como tipo de bico, capacidade de emitir sons semelhantes à fala humana e inteligência apurada. No entanto, as espécies pertencentes à família *Psittacidae* são muito semelhantes entre si, o que dificulta uma identificação precisa de todas as espécies desta família, quer pela morfologia, quer pela vocalização, como visto no discurso de alguns informantes: '*Esses parente aí do papagaio nós trata tudo de mulata!*'; '*Nóis num separa qual é qual de mulata, maritaca... Porque elas canta tudo em bando, aí nós num diferencia*'.

Há grande dificuldade por parte dos etnotaxonomistas e dos sistematas acadêmicos em estabelecer uma nomenclatura padrão para esse grupo de animais.

Sendo assim, não é possível estabelecermos a que espécie a unidade lexical *mulata* remete, visto se tratar de uma denominação ampla, como podemos observar a partir da citação supracitada. Em contextos mais informais, essa distinção não é feita e, em contextos científicos, ainda há dificuldade em estabelecer uma unidade que consiga abarcar esse grupo. Vale observar que no exemplo do informante do trabalho de Saiki (2008), o canto dessas aves³² é

³¹ Consoante Papavero (1994) o nome vernáculo é um sinônimo para o nome popular, ou seja, são os nomes que se contrapõem à nomenclatura zoológica oficial, redigida em latim.

³² No caso dessa unidade lexical, não traremos *link* para acessar o seu canto a partir do *site* WikiAves, dado que não foi possível estabelecer qual a espécie de ave, visto tratar-se de uma designação geral.

destacado, assim como na crônica de Coelho (2015), no qual as *mulatas* são rememoradas por sua “tagarelice” nostálgica para o narrador-personagem.

Outra unidade lexical mencionada na crônica foi *periquitos*, qualificada por adjetivos atinentes às cores dessas aves, como *verdes*, *vermelhos* e *amarelos*. Essa unidade é definida por Houaiss e Villar (2009, p. 1475) sob a rubrica da ornitologia, como “designação comum a diversas aves da família dos psitacídeos, geralmente pequenas, de corpo delgado e cauda longa” e pelo Dicionário de Ferreira (2010, p. 1614), relacionando-se à rubrica da zoologia, como: “ave psitaciforme, psitacídea (*Tirica chiriri*), de larga distribuição geográfica, de coloração verde, com parte das coberteiras superiores maiores da asa amareladas e as coberteiras das rêmiges da mão azuis”. Em relação às cores dos periquitos, não é possível determinar a qual espécie eles pertencem pelas cores mencionadas na crônica, mas é possível observar pelo site WikiAves³³ que muitas aves psitacídeas possuem coloração verde e amarelada, sendo assim, consideramos que a unidade lexical *periquitos*, acompanhada dos qualificadores *verdes*, *vermelhos* e *amarelos*, retomam, de um modo geral, essas aves, uma vez que é uma denominação de sentido geral.

Os *canarinhos amarelos* também são citados no trecho da crônica supracitado. A unidade lexical consultada nos dicionários foi o verbete registrado como *canarinho* que, por sua vez, fez uma remissão a *canário-da-terra*. No Dicionário Houaiss (2009, p. 382), com a rubrica da ornitologia, temos que ele é uma

ave passeriforme da família dos emberizídeos (*Sicalis flaveola*), com ampla distribuição no Brasil, exceto na Amazônia, de até 13,5 cm de comprimento e com uma plumagem variável; os machos do Este setentrional são amarelos vivos com o alto da cabeça alaranjado, enquanto os meridionais são mais oliváceos.

A obra lexicográfica de Ferreira (2010, p. 407), no verbete *canário-da-terra*, faz uma remissão à *canário-da-terra-verdadeiro*, sob a rubrica da zoologia, definindo-o como: “ave emberizídea (*Sicalis flaveola*), de coloração amarelo-viva, sendo o píleo alaranjado, e que ocorre do Maranhão ao Paraná”. O site WikiAves³⁴ aponta que essa ave também é conhecida por *canarinho*, *Guiranheemguatu* (Pássaro de canto bom), entre outras denominações. Nesse caso, vemos que uma delas, “Guiranheemguatu”, reforça a beleza de seu canto, que se expressa também no seguinte excerto presente no site: “Por conta de seu lindo canto, é frequentemente aprisionado como ave de cativeiro (está entre as 10 mais apreendidas, segundo o IBAMA), mesmo tal ato sendo considerado crime federal [...]” (WikiAves, 2024, *online*). Além disso, o site

³³ Disponível em: <https://abrir.link/PFkuK>. Acesso em: 19 mar. 2024. No caso dessa unidade lexical, não traremos *link* para acessar o seu canto a partir do site WikiAves, dado que não foi possível estabelecer qual a espécie de ave, visto tratar-se de uma designação geral.

³⁴ Disponível em: <https://abrir.link/QafYE>. Acesso em: 19 mar. 2024.

informa que o seu nome científico, *Sicalis flaveola*, tem raízes etimológicas no “(Latim) *flaveola*, *flaveolus* diminutivo de *flavus* = amarelo. ⇒ **Amarelinho**” (WikiAves, 2024, *online*, destaques no original), o que assevera a característica destacada pelo narrador de ser uma ave amarela. À luz disso, vemos que, dentre as aves que o narrador-personagem menciona, os sons que eram emitidos pelos *canarinhos amarelos*³⁵ ficaram em sua lembrança.

Outra ave citada com destaque para seu canto é o *curió*³⁶. Consoante o Dicionário Houaiss (2009, p. 587), essa unidade, ligada à rubrica da ornitologia, é uma

ave passeriforme (*Oryzoborus angolensis*), da família dos emberizídeos, de ampla distribuição no Brasil, Américas do Sul e Central; macho negro com o ventre castanho, encontro e lado inferior das asas brancos, sendo a fêmea pardo-castanhada [...].

O Dicionário de Ferreira (2010, p. 628), com a rubrica da zoologia, informa que essa é uma “ave passeriforme, fringílídea (*Oryzoborus angolensis*), distribuída por todo o Brasil. O macho é preto, com abdome castanho-avermelhado, um espelho branco na asa, e a fêmea parda, com a parte inferior amarelada”. Notamos que é considerada uma ave passeriforme, que se destaca pelo seu canto, fazendo o narrador-personagem rememorar suas experiências passadas, revivendo um local que o possibilitava ouvir o canto dessa e demais aves.

O site WikiAves³⁷ aponta que esse pássaro está desaparecendo, pois é caçado para ser engaiolado. Por esse motivo, está considerado criticamente em perigo em algumas regiões do país, como é o caso de Minas Gerais e do Ceará (WikiAves, 2023, *online*). Esse fato faz-se importante para nossa análise, pois o narrador-personagem, no início da crônica, elenca algumas aves e seus cantos que ele gostava de ouvir em tempos idos e, então, podemos cogitar que, por algum motivo, não as ouve mais, especialmente com frequência. Isso nos leva a pensar em algumas hipóteses: i) o narrador personagem pode não mais ouvir os cantos das aves como no passado, pois algumas delas sofrem com o desaparecimento pela caça e ii) o narrador-personagem não mais tem acesso a esses cantos devido ao crescimento da região do interior goiano à que faz referência na crônica (acreditamos que à cidade de Catalão-GO) e, por esse motivo, as aves e pássaros não têm mais o mesmo espaço na cidade como tinham anteriormente, à época que o narrador rememora.

³⁵ Para acessar o canto do *canário-da-terra*, acessar link disponível em: <https://abrir.link/QafYE>. Acesso em: 19 mar. 2024.

³⁶ Para acessar o canto do *curió*, acessar link disponível em: <https://www.wikiaves.com.br/wiki/curio>. Acesso em: 19 mar. 2024.

³⁷ Para acessar o canto do *curió* e demais informações, acessar link disponível em: <https://abrir.link/aWTBc>. Acesso em: 19 mar. 2024.

Outra ave citada pelo narrador-personagem refere-se aos *pintassilgos*. Em consonância com o Dicionário Houaiss (2009, p. 1495) sob a rubrica da ornitologia, o *pintassilgo* refere-se à

designação comum às aves passeriformes do gênero *Carduelis*, da família dos fringílídeos, encontradas em diversos continentes, sendo mais comum no Velho Mundo **1.1** ave (*Carduelis magellanicus*) encontrada no Norte da América do Sul à Argentina, com cerca de 11 cm de comprimento, cabeça, pescoço, asas e caudas negros, dorso verde e lado inferior, faixas na asa e uropígio amarelos.

O Dicionário de Ferreira (2010, p. 1638), com a rubrica da zoologia, assim define *pintassilgo*: “ave passeriforme, fringílídea (*Spinus magellanicus ictericus*), distribuída da BA para o S., de dorso oliváceo, cabeça, garganta, asas e cauda pretas, espelho, base da cauda e lado inferior amarelos”. Essas aves são passeriformes, nesse caso, destacamos que os *pintassilgos* possuem um canto³⁸ que lhe é característico, podendo cantar até durante o voo, além disso, eles conseguem imitar o canto de outras aves (WikiAves, 2022, online). Como aponta o site WikiAves, essa espécie é de fácil identificação, dado que os machos possuem uma máscara preta e manchas amarelas nas asas (WikiAves, 2022, online).

Por fim, a última ave silvestre citada no trecho em análise refere-se aos *bicudos*. Um *bicudo*, consoante o Dicionário Houaiss (2009) sob a rubrica da ornitologia, em sua 18ª acepção, é: “ave passeriforme (*Oryzoborus maximiliani*) da família dos emberizídeos, de ampla distribuição, original do Brasil oriental e central, e da América do Sul tropical; macho negro com espéculo, axilares e lado inferior das asas brancos, e fêmea pardo-escuro [...]” (Houaiss; Villar, 2009, p. 287). Essa unidade lexical, ao ser consultada no Dicionário Aurélio, de Ferreira (2010), encontra-se vinculada à rubrica da zoologia e, na 10ª acepção do verbete, temos que o *bicudo* é “ave passeriforme fringílídea (*Oryzoborus crassirostris*), largamente distribuída no País. O macho é preto, com espelho branco na asa; a fêmea, parda, com a parte inferior pardo-avermelhada e o pescoço mais claro” (Ferreira, 2010, p. 312). Além disso, o *bicudo* é uma ave que habita locais próximos à água, como pastos alagados, brejos, beiras de rios e de lagos, muito apreciado por seu canto³⁹ que lembra o som emitido pelas flautas, o *bicudo* é alvo de traficantes de animais, de acordo com o site WikiAves (2021, online), assim como vimos no caso do *curió*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

³⁸ Para acessar o canto do *pintassilgo*, acessar o link disponível em: <https://abrir.link/SRmNG>. Acesso em: 19 mar. 2024.

³⁹ Para consultar o canto do *bicudo*, acessar link disponível em: <https://abrir.link/zElZY>. Acesso em: 19 mar. 2024.

Como pudemos observar por meio das análises das treze unidades lexicais inventariadas nas duas crônicas, as aves às quais o narrador-personagem faz referência, em sua grande maioria, são lembradas pelo seu canto, a partir das memórias do narrador-personagem, sendo possivelmente cantos que ele não ouve mais. Isso porque as duas crônicas analisadas iniciam-se com a narração do passado do narrador-personagem, como podemos observar nos seguintes trechos: “Pois assim era de uma vez que a *perdiz* e o *jaó* formavam um par muito apegado [...]” (Coelho, 2015, p. 17, grifos nossos) e “Dos cantos dos pássaros, os que mais gostava de ouvir eram os tristes soluçados das *siriemas* [...]” (Coelho, 2015, p. 21, grifo nosso). Isso demonstra que o narrador-personagem tinha apreço por ouvir o canto de vários pássaros em seu passado, mas, por alguma circunstância, não os ouve mais com tanta frequência como dantes. Uma hipótese para isso se deve à realidade da cidade de Catalão-GO, que acreditamos ser representada nesta obra, devido ao seu crescimento populacional, pois ao relatar os momentos vividos no seu passado, as aves e os pássaros cantavam, entretanto, no seu presente, já não têm mais o mesmo vigor antes apresentado.

Outro fator que poderia desencadear no narrador-personagem a impossibilidade de ouvir o canto das aves e dos pássaros diz respeito ao aprisionamento ilegal de aves silvestres, muito motivado, como vimos, pelos cantos marcantes que muitas possuem. Ressaltamos que tal atitude leva ao desaparecimento de diversas espécies, podendo torná-las espécies em perigo de desaparecimento e/ou extinção.

Notamos que as aves tiveram grande destaque nas duas crônicas analisadas, o que aponta para a realidade sociocultural da localidade representada pela narrativa, ressaltando a avifauna silvestre com a qual o narrador-personagem tinha contato, isto é, aves que fazem parte da fauna silvestre do local. Tais aves conduzem as lembranças do narrador-personagem aos sentimentos bons que tinha no passado, contrapondo-os aos sentimentos do presente que não são tão bons quanto antes, como podemos recuperar do seguinte fragmento: “[...] tudo isto é um encantamento de fantasia e emoção que abre tristuras fundas misturadas a suspiros magoados dentro de mim” (Coelho, 2015, p. 22). Esse trecho aponta-nos que, ao reviver seu passado, o personagem rememora sentimentos bons, atrelados ao cantar dos pássaros e, possivelmente da vida que levava à época, mas ao retornar para a sua realidade presente, encontra “tristuras fundas misturadas a suspiros magoados”.

Com as análises, observamos que as obras lexicográficas possuem acepções aproximadas acerca das unidades lexicais consultadas, entretanto, no quesito da rubrica, elas divergem, pois todas as unidades consultadas em Houaiss e Villar (2009) são ligadas à rubrica da ornitologia e as de Ferreira (2010) são vinculadas à zoologia, demonstrando que as aves, no primeiro

dicionário, são relacionadas a um ramo da zoologia que versa sobre aves, sendo, portanto, uma rubrica mais específica do que as de Ferreira (2010), que podemos considerar como hiperônima àquela.

No caso da primeira crônica, o narrador-personagem aponta a *perdiz* e o *jaó* como protagonistas de uma história que lhe era contada na infância, sobre a relação das duas aves. O canto das aves, nesse caso, é representado por falas que notamos ser de natureza onomatopaicas, além de que há também a personificação da *perdiz* e do *jaó*, assim, dois atributos humanos são apresentados, sendo esses recursos estilísticos (onomatopeia e personificação) utilizados por Coelho (2015) para apresentar o cantar das aves-protagonistas.

Na segunda crônica, temos um narrador-personagem que rememora os tempos felizes em que podia ouvir o canto das aves e pássaros. Nesse caso, o tema central da crônica gira em torno das memórias evocadas pelos sons emitidos por esses animais, ou seja, o canto é o fator desencadeador da memória afetiva do narrador-personagem. Ele nos apresenta unidades lexicais referentes à avifauna silvestre, como *siriemas* (*seriemas*), *saracuras*, *pombas do bando*, *rolinhas carijós*, *sabiás*, *mulatas*, *periquitos verdes/vermelhos/amarelos*, *canarinhos amarelos*, *curiós*, *pintassilgos* e *bicudos*, como as aves que despertam seu saudosismo ou sentimento de afeto pelo passado. Algumas dessas unidades, ao serem consultadas nos dicionários, levaram-nos a outras denominações, por meio do sistema de remissões, como é o caso de *pombas do bando*, que nos direcionou à entrada *avoante*; *rolinhas carijós* para *fogo-apagou* e dessa para *fogo-pagou*; *canarinhos amarelos* direcionou-nos a *canário-da-terra*. Esse fato aponta-nos para os nomes populares dessas aves que, ao serem relacionados às crônicas analisadas, demonstram um traço da cultura local, bem como dos saberes e das características da região descrita. Além disso, saber que as *rolinhas carijós*, por exemplo, são as (rolinhas) *fogo-apagou*, demonstra que as escolhas lexicais feitas pelo autor prezam pela criatividade, caracterizando essas aves pela coloração de sua plumagem. Nesse sentido, a criatividade lexical também se relaciona ao gênero crônica, pois esse é um gênero permeado pela subjetividade e que visa a retratar fatos do cotidiano e, desse modo, quando Coelho (2015) faz a escolha da unidade *carijós*, atrelada à *rolinhas*, sabemos a que espécie de ave o autor faz referência e, possivelmente, essa pode ser uma denominação comum dessa ave nessa e em outras regiões.

Em outros casos, depreendemos a que ave o narrador-personagem fazia referência por meio dos recursos estilísticos manejados pelo autor, como é o caso das onomatopeias. A esse respeito, quando Coelho escreve “[...] ladainhas de *saracuras*, com suas pernas compridas e finas enfiadas nos banhados, anunciando qualquer coisa sobre *três potes*, *três potes*, *pote*, *pote*” (Coelho, 2015, p. 21, grifos nossos), compreendemos que a *saracura* em questão é a *saracura-três-potes*, assim como o excerto “[...] *rolinhas carijós*, em seus passinhos miúdos pelo chão do quintal, avisando que o *fogo apagou*” (Coelho, 2015, p. 21, grifos nossos), remeteu-nos à espécie

de *rolinha*, a *rolinha-fogo-apagou* ou somente *fogo-pagou*, que possui um canto que se aproxima sonoramente dessa expressão.

Esperamos que essa pesquisa contribua com os estudos lexicais, pois objetivou analisar uma parcela lexical pouco explorada por estudiosos de modo geral, a avifauna em *corpus* literário. Almejamos ainda que essa pesquisa possa inspirar outras investigações, todavia observando os vieses aqui abordados.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, Jozimar Luciovanio. Religiosidade popular na constística e cronística de Braz José Coelho. In.: DE PAULA, Maria Helena (Org.). *Um homem e(m) suas palavras: homenagem a Braz José Coelho*. Catalão: Letras do Cerrado, 2021. p. 41-74.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo Biderman. As Ciências do Léxico. In.: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande-MS: EdUFMS. 2001, p. 13-22.

CARDOSO, Elis de Almeida. *O Léxico no Discurso Literário: A Criatividade Lexical na Poesia Moderna e Contemporânea*. São Paulo: Edusp, 2018.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. O desígnio das mãos: a escrita como práxis total em Braz José Coelho. In.: DE PAULA, Maria Helena (Org.). *Um homem e(m) suas palavras: homenagem a Braz José Coelho*. Catalão: Letras do Cerrado, 2021. p. 19-39.

COELHO, Braz José. *Sombras do Tempo*. Catalão: Kaio G. Editora, 2015.

COSERIU, Eugenio. *Principios de semántica estructural*. Madrid: Editorial Gredos/Biblioteca Románica Hispánica, 1977.

DE PAULA, Maria Helena. Pelas palavras dele, as nossas. In.: DE PAULA, Maria Helena (Org.). *Um homem e(m) suas palavras: homenagem a Braz José Coelho*. Catalão: Letras do Cerrado, 2021. p. 7-17.

DICIONÁRIO WIKI AVES. *WikiAves*. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://abrir.link/CfZPZ>. Acesso em: 15 mar. 2024.

DOLBERTH, Willian; EGGENSEPERGER, Klaus F. W.. *Grande sertão: veredas*, um inventário da avifauna. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, [S. l.], v. 1, n. 75, 2020. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v1i75p53-70. Disponível em: <https://abrir.link/ckYlf>. Acesso em: 26 mar. 2024. p. 53-70.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010.

HENRIQUES, Claudio Cezar. *Estilística e discurso: estudos produtivos sobre texto e expressividade*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Sales. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JERONIMO, Gabriela Guimarães; GEMENTI, Mariana Moretto. Entre o rural e o urbano: a inventividade lexical de Braz José Coelho. *Revista Acta Semiotica et Lingvistica (ASEL)*, v. 20, n.1, 2015. p. 120-134. Disponível em: <https://abrir.link/m0yUT>. Acesso em: 21 jan. 2024.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. In.: ZILBERMAN, Regina (Org.) *Leitura em crise na escola: as alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993. p. 51-62.

LAJOLO, Marisa. O texto não é pretexto. Será que não é mesmo?. In.: ZILBERMAN, Regina; ROSING, RÖSING, Tânia M. K. (Orgs.). *Escola e leitura: velha crise, novas alternativas*. São Paulo: global, 2009. p. 99-112.

MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à Estilística: A Expressividade na Língua Portuguesa*. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.). Apresentação. In.: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande-MS: EdUFMS. 2001, p. 9-11.

ORANGES, Caio Santilli. O texto literário como corpus para análise lexical: O Púcaro Búlgaro, de Campos de Carvalho. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 46, n. 1, 2017. p. 213-225.

ORSI, Vivian. Lexicologia: o que há por trás do estudo das palavras? In.: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (Org.). *Ciências da linguagem: o fazer científico?* Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 163-177.

PAPAVERO, Nelson. *Fundamentos práticos de taxonomia zoológica: coleções, bibliografia, nomenclatura*. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1994.

TELES, Gilberto de Mendonça. *Drummond, a estilística da repetição*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

SAIKI, Patrícia Thieme Onofri. *Conhecimento local sobre aves, com ênfase em Psittacidae, nos distritos rurais de Cruzeiro dos Peixotos, Martinésia e Tapuirama (Uberlândia-MG)*. 2008. 102 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Conservação de Recursos Naturais. Uberlândia: 2008. Disponível em: <https://abrir.link/GxWGN>. Acesso em: 11 mar. 2024.

WIKIAVES. *Perdiz*. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://abrir.link/VEoEx>. Acesso em: 28 fev. 2024.

WIKIAVES. *Jaó*. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://abrir.link/vEXsJ>. Acesso em: 28 fev. 2024.

WIKIAVES. *Seriema*. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://abrir.link/JaFCf>. Acesso em: 28 fev. 2024.

WIKIAVES. *Saracura-três-potes*. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://abrir.link/OMMXI>. Acesso em: 28 fev. 2024.

WIKIAVES. *Avoante*. [S. l.], 2023. Disponível em: <https://abrir.link/uiUHM>. Acesso em: 16 mar. 2024.

WIKIAVES. *Rolinha-fogo-apagou*. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://abrir.link/cVPNY>. Acesso em: 16 mar. 2024.

WIKIAVES. *Pesquisa Periquito*. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://abrir.link/PFkuK>. Acesso em: 19 mar. 2024.

WIKIAVES. *Canário-da-terra*. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://abrir.link/QafYE>. Acesso em: 19 mar. 2024.

WIKIAVES. *Curió*. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://abrir.link/aWTBc>. Acesso em: 19 mar. 2024.

WIKIAVES. *Bicudo*. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://abrir.link/zElZY>. Acesso em: 19 mar. 2024.

AUTORIA

Ana Vitória Gomes Moreira é doutoranda em Estudos da Linguagem, pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFCAT). Mestra em Estudos da Linguagem, pelo mesmo programa. Licenciada em Letras Português, pela Universidade Federal de Catalão (UFCAT). Pesquisadora no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), da Universidade Federal de Catalão (UFCAT).

Vanessa Regina Duarte Xavier é doutora em Filologia e Língua Portuguesa, pelo programa de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo (2012). Docente nos cursos de licenciatura em Letras Português e Letras Português e Inglês da Universidade Federal de Catalão (UFCAT) e no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPGEL/UFCAT).